

Dentre as publicações presentes nesta edição de Cadernos de Educação, apresentamos uma entrevista e três artigos relacionados a uma experiência que propiciou o estabelecimento de vínculo recíproco entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Esse vínculo solidário vem se consolidando através do Projeto “Casadinhos: CAPES/FAPERGS”, que ao ser desenvolvido viabilizou uma relação mais sistemática e orgânica entre nossos Programas em torno da idéia de pôr a serviço da sociedade os benefícios que resultam dos investimentos na Pós-Graduação. Educação e desenvolvimento: formação de quadros e práticas educativas inovadoras é o tema central do projeto que une esses Programas e permite reflexões em torno das inserções sociais e, por conseqüência, das relações com pesquisa, da produção do conhecimento e da divulgação desse conhecimento.

Ao desenvolvermos esse projeto cumprimos o objetivo do Programa de Apoio à Cooperação entre Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu, Casadinhos, para o Estado do RS, (CAPES, Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul, por intermédio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS) que é o de fomentar a pesquisa científica e tecnológica, visando a “melhoria da qualificação dos cursos de pós-graduação stricto-sensu no Estado”. Nessa medida, o projeto Casadinhos tem proporcionado um importante apoio financeiro complementar aos Programas.

No que diz respeito à UFPel, registramos a possibilidade concreta de consolidação de nosso Programa de Pós-Graduação, principalmente pelo estímulo à interação científico-acadêmica que a parceria com a UNISINOS está proporcionando, assim contribuindo para o equilíbrio regional desse nível de educação no Estado do Rio Grande do Sul.

Parte desse esforço de colaboração entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPel e da UNISINOS tem se traduzido em publicações de livros e artigos. Neste número contamos com uma entrevista e três artigos de docentes envolvidos no Projeto.

Em *Conversando com Josso: encontros autoformadores*, as professoras Edla Eggert (UNISINOS) e Lúcia Maria Vaz Peres (UFPel) entrevistam a educadora francesa Marie Christine Josso, que discute a proposta da pesquisa-formação. Nessa entrevista, a professora Josso salienta que a importância da pesquisa-formação reside no que ela exige dos pesquisadores: um constante pensar sobre si mesmo em processo individual e coletivo. A educadora francesa ressalta ainda que a cadência de ouvir o outro, escrever de si, ler o outro, interpretar a si e ao outro conduz para uma responsabilidade processual que inaugura pensar a pedagogia em seu mais profundo compromisso de produzir conhecimento. Segue a essa entrevista o artigo *Discutindo projetos emancipatórios no contexto da*

universidade pública no Brasil, escrito pela professora Maria Isabel da Cunha e pelo professor Maurício César Vitória Fagundes, ambos da UNISINOS. Utilizando-se das contribuições de Buarque, Marx, Freire e Sousa Santos, os autores analisam experiências de implantação de Projetos Políticos Pedagógicos de duas universidades públicas brasileiras, gestadas em contextos históricos e temporais distintos. Nessa análise exploram as tensões entre as forças da regulação e as da emancipação que as caracterizam, discutindo a possibilidade de transformação das relações políticas e pedagógicas da universidade, defendendo que o delineamento de seus Projetos Político-Pedagógicos pode proporcionar a condição emancipatória como referente.

No artigo Um mundo ao alcance de crianças e jovens: notas sobre o protagonismo de crianças e jovens em orçamento público em cidades brasileiras, o professor Danilo Streck (UNISINOS) reúne elementos para compreender a participação de crianças e de jovens na administração pública, em especial, no orçamento. O autor detém-se, primeiramente, na análise das motivações capazes de integrar jovens e crianças em assuntos considerados, até há pouco, exclusividade de um reduzido grupo de técnicos e políticos adultos. Apresenta e analisa fatos e dados de algumas experiências, com ênfase no OP-Criança da cidade de São Paulo e, destaca, na conclusão, que o fato de manter crianças e jovens em um mundo separado, ainda que sob o argumento da proteção, além de tolher-lhes o desenvolvimento como indivíduos e cidadãos, representa o desperdício de um potencial de criatividade e de energia de que as atuais sociedades necessitam para se repensar e refazer.

Fechando o bloco de textos produzidos por docentes da UNISINOS e da UFPel, as professoras Gelsa Knijnik e Fabiana Boff de Souza da Silva apresentam o artigo "O problema são as fórmulas": um estudo sobre os sentidos atribuídos à dificuldade em aprender matemática, no qual discutem alguns resultados de uma pesquisa que problematizou o enunciado "Aprender matemática é difícil". Tendo como base teórica a Etnomatemática, em seus entrecruzamentos com o pensamento pós-estruturalista e com as idéias de Ludwig Wittgenstein, as autoras mostram como o formalismo e a abstração dessa área de conhecimento acabam contribuindo para a crença de que aprender matemática é difícil. Na seqüência dos artigos deste número, contamos com textos de pesquisadores e pesquisadoras de outras universidades do Brasil e também do exterior.

O professor espanhol José Gimeno Sacristán brinda-nos com uma importante e atual discussão sobre a crise da profissão docente e da identidade do professorado. ¿De dónde viene la crisis de la profesión docente? é um texto que aborda os efeitos da crise que experimentamos no mundo globalizado com seus efeitos de desestabilização, tanto na

identidade profissional quanto pessoal do professorado. Mas o professor Sacristán não é pessimista ao abordar esse tema, pois defende que essas mudanças, vistas aqui como crises da ordem social, cultural, política e econômica tanto podem gerar conflitos e mal-estar quanto servir de estímulo positivo, produzindo interrogações para o pensamento e motivo ou referência para o ensaio de novas práticas. Diz ele que é uma desestabilização criadora que pode desenvolver a identidade profissional dos docentes sobre bases mais seguras.

Seguindo a temática relacionada aos processos identitários, o artigo Manderlay: um pretexto para refletir sobre escola, identidade e diferença, do professor Antonio Flávio Barbosa Moreira, a partir do filme Manderlay, apresenta algumas reflexões sobre ensino e escolaridade, identidade e diferença, privilegiando o tema do estranho situado na escola. Valendo-se do filme e dos autores que subsidiam a discussão, caracteriza a escola moderna como espaço de ordem, controle e homogeneização, mas, ao mesmo tempo, indica alguns princípios que acredita serem capazes de desestabilizar a organização tradicional dessa instituição.

As questões envolvendo saber, conhecimento e docência dão continuidade aos artigos deste número. Em Buscando possíveis sentidos de saber e conhecimento na docência, Ednaceli Abreu Damasceno Mota, Guilherme do Val Toledo Prado e Tamara Abrão Pina procuram possíveis sentidos para as palavras 'saber' e 'conhecimento' e refletem sobre as implicações desses sentidos no contexto da docência e da formação de professores. Essa busca pela concepção de saber e conhecimento justifica-se pela crença de que os professores, no cotidiano de seu trabalho, ultrapassam os limites de sua relação com o conhecimento, ampliando-os, modificando-os e evocando saberes outros.

A problemática dos saberes também preocupa Lydia Maria Pinto Brito que no seu artigo, Gestão do conhecimento – Instrumento de apropriação pelo capital do saber do trabalhador, fala de uma das mais importantes matrizes de gestão do trabalho criadas na década de noventa: a Gestão do Conhecimento, que em articulação com a Gestão de Competências e as Organizações de Aprendizagem, vai se constituir na forma mais sofisticada que o capital já criou de intensificar a alienação e se apropriar do saber do trabalhador. Defende a autora que este novo modelo em construção faz parte da reestruturação produtiva que vem tentando solucionar, a partir de seus aspectos fenomênicos, a crise do modelo capitalista de produção.

À discussão sobre os saberes seguem algumas reflexões sobre a violência escolar, apresentadas por Leila Maria Ferreira Salles e Joyce Mary Adam de Paula e Silva, no artigo Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. Para as autoras, a

problemática da violência deve ser compreendida como multideterminada e, por isso, defendem que os educadores devem ficar atentos às questões dos estereótipos e preconceitos presentes no âmbito escolar, pois elas determinam formas de ação e de constituição da violência na escola.

No artigo seguinte, Jussara Botelho Franco e Susana Inês Molon discutem as Aproximações entre educação não-formal e trabalho mediadas por uma perspectiva socioambiental e de classe, destacando os significados que a educação assumiu no decorrer do tempo para as diferentes classes sociais e procurando mostrar as razões pelas quais ela se restringiu ao repasse do conhecimento socialmente produzido, bem como a espaços criados exclusivamente para esse fim, nascendo a necessidade de, atualmente, adjetivá-la de ambiental e não-formal. As autoras defendem que as diferentes formas de educação – não-formal e ambiental – compõem o trabalho humano útil à classe trabalhadora, e aproximá-las pode garantir uma importante complementaridade para a educação.

No artigo seguinte, Renata Aparecida Belei, Sandra Regina Gimenez-Paschoal, Edinalva Neves Nascimento e Patrícia Helena Vivan Ribeiro Matsumoto fazem uma revisão de literatura sobre o uso de entrevista, observação e videogravação na coleta de dados em pesquisa qualitativa. No artigo O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa, as autoras detalham o caminho percorrido na utilização dessas três técnicas, concluindo que sua utilização, de forma complementar, pode nortear o método utilizado pelos pesquisadores na coleta de dados.

Fecham este número três artigos que discutem as novas tecnologias na educação. No primeiro deles, A construção do professor midiático: o docente comunicador na educação a distância por videoconferência, Dulce Márcia Cruz discute algumas das mudanças que o uso da videoconferência, como meio principal para a educação a distância, traz para o trabalho do professor. Defende a hipótese de que ocorre uma “midiatização” da sala de aula, pois o meio técnico deixa de ser apenas um recurso adicional e passa a ser o próprio ambiente/interface no qual esse tipo de aula pode existir, ampliando as exigências de atuação do professor comunicador como produtor/usuário/mediador.

No segundo artigo – Pontos de vista de professores e alunos sobre as possibilidades de mudança com a utilização das mídias na escola pública – Lina Cardoso Nunes, Álvaro Caetano Pimentel Sobrinho e Luana Andrade Quirino abordam o programa das Salas de Leitura-Pólo, implantado em escolas públicas do município do Rio de Janeiro, cujo propósito é a formação de leitores de diferentes mídias, inclusive do computador e da rede, tratando de analisar as possibilidades de mudanças pedagógicas no processo de ensino-

aprendizagem e identificar a contribuição do software educativo para as práticas pedagógicas nas salas de Informática. Os resultados do estudo indicam possíveis mudanças no processo de aprendizagem com o apoio do computador e da rede, além de contribuições do software educativo nas práticas dos professores, que nem sempre se consideram suficientemente preparados para a utilização dos recursos midiáticos.

O último artigo deste número, Rede de conversação, formação de Professores e tecnologias digitais, apresentado por Sheyla Costa Rodrigues, Cleci Maraschin e Débora Pereira Laurino, discute a formação de professores em uma rede de conversação sustentada pelas tecnologias da informação e comunicação, concluindo que os recursos tecnológicos podem ser ferramentas importantes para o desenvolvimento de redes de conversação que possibilitem aos professores o engajamento em trabalhos cooperativos, permitindo a atualização de conhecimentos, a socialização de experiências e a aprendizagem.

É nosso desejo que este número de Cadernos de Educação expresse a solidariedade estabelecida pelo projeto “Casadinhos” e, também, revele práticas educativas inovadoras e reflexões originais, contribuindo para a qualificação da formação de professores e para a produção de novos conhecimentos no campo educativo. Boa leitura!